

Dimas Macêdo - um poeta órfico

Giselda Medeiros

Estilo sóbrio, vocabulário de densa beleza sugestiva, fazem de "*Estrela de Pedra*" (1994), livro de poemas de Dimas Macêdo, uma espécie de talismã literário, a realçar as nossas emoções e viagens espirituais, integrando-as numa perspectiva plural e criadora.

A tonalidade semântica de seus versos, comprometida com a angústia existencial do homem, levam-nos a um estado de perplexidade, e vemos, *pari passu*, o onírico e o apelo social, o metafisicismo e a reflexão mística, revelados no alto potencial de expressionismo poético do autor.

No poema "Elegia", há uma reavaliação do mundo infanto-juvenil, permanentemente presente nas linhas de flagrante nostalgia agônica, refletindo a essência lírico-dramática do menino-poeta, de alma largamente sensível às complexidades do mundo. Esse mesmo quadro da infância está presente também em "Espumas", evocando o fascínio e o mistério desse tempo mágico de seres e de cousas da natureza. É o rio da infância correndo no leito de seu cotidiano a lembrar-lhe a quadra querida e, ao mesmo tempo, a mostrar-lhe a desagregação dessa paisagem nostálgica. A seqüência final do poema é um crescer em sonoridade até a explosão caótica da verdade profética: "e a ausência das águas desse Rio".

Em todo o poema "Lavragem", o poeta demonstra o cumprimento de percurso do seu instrumental artístico, de seu artesanato de emoções, tudo isso em linguagem poética de extrema sensibilidade, diante de gritante cosmo-agonia.

Já no poema "Dilúvio", pode-se perceber um jogo de sensações provocadas por impressões internas e externas, resvalando para uma ampla visão do real / irreal, o que nos leva a uma perspectiva trágica e (por que não dizer?) profética da existência atribulada do homem, extenuado por crises de angústia, de incessantes buscas, no seu desarranjado universo humano.

Essa expressão dos vastos mundos interiores do homem também está presente no poema "Palavras", sob a vestimenta de

imagens, símbolos e alegorias, remetendo-nos a uma explosão de sentidos e emoções, fortemente alinhados à riqueza da expressão poética.

O confronto Eros / Thanatos está presente no mundo lírico desse poeta, autor de "Lavoura Úmida" (1990), conforme se vê nestes versos: "A morte é um vendaval e em tudo / (...) / meu corpo a fuga. Meu prazer o medo. (Mistério). Como ninguém / sei representar / e sei como morrer. (Canção). E a morte se fez medo / onde lancei os dados / e ofertei os dedos / e afaguei..." (Diário). Mas é em "Metáforas" e "Banquete", que o poeta deixa extravasar a carga máxima de erotismo, em que a sonoridade e a sensualidade das palavras exercem uma provocadora e natural disposição para o entendimento semântico de expressões, como: "Entre ostras e pêssegos eu bailo / e bêbedo / beijo o frugal / das tuas algas. / E te possuo entre ostras e aspargos. / Entre vinhos e pêssegos te consumo / e te presumo mar absoluto e furioso". E todas essas imagens vêm pomposamente dispostas num jogo sinestésico visão / paladar / olfato, movidas por vibrantes notas acústicas que nos envolvem e nos seqüestram no seu labirinto poético.

No poema "Memória", há uma fluência de nostalgia, reforçada pela perda de sonhos e fantasias. Aliás, é essa ausência de encantos que torna o homem um angustiado habitante de sua própria existência: "E na vertigem do caos, / deliberadamente, / eu me deixei flutuar / entre as minhas espadas sorridentes".

Enfim, é todo um rio de metáforas o livro *Estrela de Pedra*, em que o poeta mantém uma varinha mágica, com a qual nos vai tocando e acendendo emoções inusitadas. Sentimo-lo como um Midas, transformando em Poesia tudo o que entra em contato com sua pena de artesão, fecunda penap, misteriosa pena, cosmovisão do eterno e do efêmero fazer poético de Dimas Macêdo, um dos mais brilhantes vates da literatura cearense.

Tudo o que foi dito acerca de *Estrela de Pedra*, pode ser conferido, se feita uma viagem através de suas páginas de vibrante poesia. E vale a pena conferir, caro leitor. Deixo-lhe, portanto, o prazer dessa comprovação.